

Bayard

A festa de casamento enchia os olhos e o estômago dos convivas. Era o casamento da enfermeira Dulce com o escriturário Bayard. Local, o salão paroquial da igreja católica do bairro onde moravam os padrinhos do noivo – doutor Bernardo e sua venerável esposa. Em verdade, todos sabiam, era o doutor Bernardo mais do que isso. Havia a assombrosa semelhança do escriturário com o advogado. De sua mãe, a eterna doméstica da casa do doutor Bernardo, não puxara quase nada, senão que o leve ondulado do cabelo, quebrado com as ondas da praia africana, de onde partiram seus antigos. Prepotente, arrogante, cínico e sarcástico – como seu grande amigo o padre da paróquia, outro padrinho de alguns mulatinhos bem encaminhados – pouco fazia por esconder sua condição patriarcal. Um sorriso dúbio era a resposta, havia anos, aos murmúrios de que fora um dia amante de Eliza, e era o pai daquele seu afilhado mestiço.

Bayard conheceu a enfermeira Dulce no hospital em que ficou entre a vida e a morte por várias semanas, recuperando-se do ataque com arma branca, desferido por um certo Faustino, num quase homicídio passional. O namoro floresceu rápido, deitando raízes no desamparo do jovem desenganado e na bonomia da enfermeira Dulce que se transformara em anjo da guarda, dedicando horas extras a cuidar do desvalido Bayard. À medida em que ele reingressava no mundo dos vivos pela mão suave, mas firme, da jovem em branco, Bayard viu-se envolvido num processo de dependência à doce e alva imagem sempre presente – um rosto e uma feição qual no quadro da Virgem Maria, dependurado no quarto hospitalar, administrado por irmãs de caridade. Essa dependência evoluiu serenamente para afeição e desta para o amor.

Quando quase curado Bayard deixou o hospital estavam profundamente apaixonados. Assim, não houve qualquer constrangimento da parte de Dulce em passar a freqüentar, num misto de enfermeira e namorada, o bangalô em madeira de Eliza, num novo bairro da cidade. Havia anos, o doutor Bernardo comprara o terreno e mandara edificar a casa, onde Eliza criou Bayard e, também, desfrutou de inesquecíveis momentos com seu amante, a quem, mesmo no clímax de uma tórrida relação, não dispensava o tratamento de doutor. Houve um que outro falatório, de

início. Torciam o nariz à moça branca, que todos os dias chegava para fazer curativos em Bayard, já inferindo que existia algo mais do que cuidados de enfermagem. O tempo veio a confirmar as suspeitas. Era primavera e os dias mostravam-se excepcionalmente belos; sequer ventava, como sói acontecer nessa estação. Havia uma brisa muito tênue, o bastante para levar adiante o olor de botões se abrindo, das madressilvas, dos jasmims e ubíquo dos eucaliptos. A casa ficava à margem do arroio Cascatinha e, naquela parte, havia um pronunciado declive no terreno que fazia a água límpida do córrego murmurar. Muitos eram os terrenos baldios, tantas as chácaras, fazendo do entorno à casa um bucólico recanto. O verde dominava amplamente, onipresente. Podiam, Bayard e Dulce, sentar-se sob a copa do cinamomo gigante e, espantando mosquitos do entardecer, exercitar os primeiros jogos amorosos. Descuidados, passantes observavam o espetáculo cupidíneo que encenavam.

Houve um momento de profunda alegria, algo como Branquinha jamais haveria de experimentar, quando o enfermeiro da ambulância municipal, contrariando desavisados circundantes, disse que aquele homem deitado sobre uma poça de sangue no chão de barro estava vivo – muito mal, mas vivo. Durante o longo período em que Bayard ficou no hospital, Branquinha pouco pode saber sobre a evolução da cura, o que a angustiava, mas tinha certeza de que ficaria bom e levariam adiante aquele relacionamento que ela considerava como namoro. As notícias, ruins, todavia, começaram a aparecer sob a forma de cochichos quando Bayard voltou para casa, acompanhado de uma jovem enfermeira. Consolidou-se a amarga realidade quando, intempestiva, resolveu passar pela rua onde morava Bayard, e recolheu uma imagem da qual iria desejar se livrar sem sucesso por muitos anos vindouros: sob o cinamomo Bayard repousava numa cadeira de grande espaldar, flanqueado pela enfermeira que ternamente lhe segurava uma das mãos.

Na Rua dos Chalés é que Branquinha foi buscar solução para seu drama. Tentou ser recebida por um famoso pai-de-santo, mas não tinha dinheiro para a consulta, muito menos para eventuais oferendas que teria de honrar, como moedas, velas, charutos, garrafas de cachaça e outras. Confidenciando à amigas sobre suas

mágoas, foi-lhe sugerido o nome de um velho e respeitado herbanário, habitante do Mato. Branquinha desdenhou da sugestão. Caiu nas mãos de um babalorixá mixuruca, que por pouco não ensejou a um de seus filhos-de-santo o prazer de violentá-la. Escapou desse, e passou a ruminar um cego ódio pela enfermeira.

O rancor transmudou-lhe o caráter e o corpo. Começou a perder peso, fazendo com que seu resto, tanto no amargor que ganhou, quanto na ossatura que se pronunciou, assumisse um aspecto sombrio. Passou a evitar as amigas, e nunca mais foi aos bate-coxas no Mato.

Recuperado, Bayard não mais a procurou. Dedicava todo seu amor à Dulce. Passou a freqüentar a casa, e, mesmo com as restrições evidentes dos pais e parentes da enfermeira, pediu-a em casamento.

Macérrima. Uma pálida imagem do que fora poucos meses atrás, Branquinha cruzou com Faustino, já em liberdade. O excesso de presos e a desqualificação de seu crime, fizeram com que a pena fosse reduzida, e em sursis deixasse o presídio.

Faustino não a reconheceu. Ainda vagava aturdido com o que lhe acontecera. Branquinha virou a cabeça, não querendo ver e ser vista por Faustino. Não resistiu, entretanto, a forçar a respiração, aspirando forte ao se cruzarem, em busca do antigo cheiro que lhe era característico. Um rasto apenas, mas ali estava.